

## Editorial

NA  
BERLINDA

Recentemente, a "Folha de S.Paulo" provocou um intenso debate – veiculado sobretudo na Internet – ao classificar o regime militar brasileiro, transcorrido entre 1964 e 1985, como uma ditadura branca – uma ditabranda. Segundo essa avaliação, o regime teria matado pouco, relativamente a outras ditaduras.

De fato, a ditadura brasileira não foi, para ficar apenas na América Latina, como as argentina e chilena, muito mais violentas. Mas daí a classificá-la como branda, constitui uma negação do termo. Sobretudo porque, desde a abertura, o número de vítimas só cresceu e isso sem que o governo tenha dado acesso a seus arquivos.

O último levantamento feito a respeito arrola mais 69 casos aos 357 mortos e desaparecidos contados em 2007 pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, que repetiu o mesmo número dado pela Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos, em 1995. Ajuntados aos 119 mortos feitos pela esquerda armada, o período nada teve de pacífico.

Sem abertura dos arquivos do governo e sem que os familiares dos mortos se manifestem, o período tenderá a permanecer na obscuridade. Os relatos são incompletos. O caso mais emblemático é o da guerrilha do Araguaia. Apesar de sentença judicial de 2003 mandar o governo federal localizar os mortos e entregar às famílias seus restos, até hoje isso não foi feito.

O governo está mandando ao Congresso um projeto de lei que abre parcialmente os arquivos em seu poder, incluídos os desse período. Cria também um portal em que colocará à disposição do público tudo o que possui e abre a perspectiva de também a sociedade entregar ao governo suas memórias. Só serão mantidos sob sigilo documentos muitos específicos.

Um passo importante está sendo dado para que a sociedade brasileira conheça melhor essa parte de sua história. Mesmo tendo o óbice de que parte do material oficial foi destruída, o que poderá vir ao conhecimento público será suficiente para tirar quaisquer dúvidas sobre o regime.

## SEMPRE EDITORA LTDA

<b>FUNDADOR</b>	Vittorio Medioli
<b>PRESIDENTE</b>	Laura Medioli
<b>VICE-PRESIDENTE</b>	Luiz Alberto de Castro Tito
<b>DIRETOR EXECUTIVO</b>	Teodomiro Braga
<b>DIRETOR FINANCEIRO</b>	Marcos de Oliveira e Souza
<b>GERENTE COMERCIAL</b>	<b>EDITORA GERAL</b>
Rodrigo Simões	Lúcia Castro
<b>GERENTE DE CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS</b>	<b>SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO</b>
Ricardo Botelho	Michele Borges da Costa
<b>GERENTE INDUSTRIAL</b>	Regiane Marques Sampaio
Guilherme Reis	<b>ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO</b>
<b>GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO</b>	Aline Reskalla
Walmir Prado	<b>CHEFE DE REPORTAGEM</b>
<b>GERENTE DE MARKETING</b>	Ricardo Corrêa
Alessandra Soares	<b>EDITORES</b>
<b>CONSULTOR DE TECNOLOGIA</b>	Primeira Página: Denner Taylor
Marco Guinter	Opinião: Victor de Almeida
	Economia: Karlon Aredes
	Política: Carla Kreefft
	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Rogério Tadeu
	Cidades: Robert Wagner

## O.PINIÃO

Duke



Duke

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## O 'nheco nheco' balançado, cum fungado e cafuné

Não tenha vergonha de gostar: música caipira é cul-tu-ra

**A**mo os ritmos ditos matutos. A doce melancolia da moda de viola tem o seu lugar e da sanfoniinha choradeira sai energia vibrante. Aprecio mais forró de raiz que acordes de sertanejo ou country, embora muitas músicas do estilo modão sertanejo sejam obras de arte. Há quem diga que a música caipira é uma coisa e a sertaneja é outra, pois só a caipira expressa uma filosofia de vida. Mas é ignorância musical detonar em bloco a música sertaneja alegando que dor de cotovelo e cornice imperam nas letras. Lembrando que há quem eterniza dores de amor em música e em versos, indago: quem nunca se roeu por um amor indiferente? Ou por um fora daqueles que deseja abrir o chão e entrar pra nunca mais ver a luz do sol?

Como esnobar a magia de um forró de sensualidade brejeira e pulsante como "Vou te matar de cheiro", no vozeirão de Luiz Gonzaga? "Tô doidim, pra me deitar naquela cama/ Tô doidim, pra me cobri com teu lençol/ Doidim, pra te matar de cheiro, soprá no candeeiro/ Juntá nos travesseiro e começá nosso forró (bis)./ E hoje acontece o que acontece/ Vai ter amor da cabeça até o dedão do pé/ Quem é que não qué o nheco nheco/ Balançado, furrçado cum fungado e cafuné?" Embalada pelo resfolegar da sanfona, quedo-me à beleza da construção poética de "Vai ter amor da cabeça até o dedão do pé". Quem não deseja? Só quem já morreu!

Eu babava nas festanças do tio Vicente Bodô nos casamentos das filhas, com sanfoneiros afamados, que iam até o sol raiar. Só dava Gonzagão: "Eu vou mostrar pra vocês/ Como se dança o baião/ E quem quiser aprender/ É favor

prestar atenção"... (Baião). Depois de "Cintura fina", era preciso parar para aguar o salão de terra batida: "Minha morena, venha pra cá/ Pra dançar xote, se deita em meu cangote/ E pode cochilar/ Tu és mulher pra homem nenhum/ Botar defeito, por isso satisfeito/ Com você eu vou dançar/ Vem cá, cintura fina, cintura de pilão/ Cintura de menina, vem cá meu coração..." E o "Xote das meninas", invariavelmente, roubava a cena: "Mandacaru/ Quando fulora na seca/ É o siná que a chuva chega/ No sertão"...

Há quem diga que a música caipira é uma coisa e a sertaneja é outra. Mas é ignorância musical detonar em bloco a música sertaneja

Gonzaguinha e Gonzagão emocionam em: "Pense n'eu quando em vez coração/ Pense n'eu vez em quando/ Onde estou, como estarei/ Se sorrindo ou se chorando/ Se sorrindo ou se chorando/ Pense n'eu... vez em quando/ Pense n'eu... vez em quando (bis)... Tô feliz pois apesar do sofrimento/ Vejo um mundo de alegria bem na raiz (vamos lá)/ Alegria muita fé e esperança/ Na aliança pra fazer tudo melhor (e será)/ Felicidade o teu nome é união/ E povo unido é beleza mais maior".

É um marzão de poesia. Eu, que vi e ouvi o Rei do Baião de pertinho, digo, na voz de Fagner: "Gonzagão puxe o fo-

le, ai meu Deus que prazer/ bole até quem é mole, vai até o sol nascer/ na dança, na festa, no sarro, no suor..." (Forró do Gonzagão). É delícia ímpar Gonzagão em "Açucena cheirosa", no Perdidos na Noite (Faustão): "Quem quiser comprar,/ eu vendo açucena cheirosa do meu jardim/ Vendo cravo, vendo lírio (...) Há festa nestes teus olhos/ Há fogo no meu coração..."

Precisa alubrimento maior do que "festa nos olhos e fogo no coração"? São versos lírico-eróticos como os acordes de "Amor que fica" (Ivete Sangalo, Zezé de Camargo e Luciano): "...Sou abelha do seu mel/ Tô na onda do seu mar/ Sou a lua do seu céu/ Sua estrela a brilhar/ Sou sua outra metade (...) Um amor assim fogoso/ Não é fácil encontrar/ Todo esse seu chamego/ É só pra me conquistar..." Não tenha vergonha de gostar: música caipira é cul-tura e olhe o molejo que ela tem...

HÉLVIO

